

	CONTINENTE	AÇORES	MADEIRA
ocorrência	MigRep	-	-
categoria	NT*	-	-

Taxonomia

Aves, Accipitriformes, Accipitridae.

Tipo de ocorrência

Estival nidificante.

Classificação

QUASE-AMEAÇADA – NT* (D1)

Fundamentação: População reduzida (entre 500-1.000 indivíduos maduros). Na adaptação à escala regional desceu uma categoria, por se admitir que a população nacional pode ser alvo de imigração significativa e não ser de esperar que a imigração das regiões vizinhas possa vir a diminuir.

Distribuição

No Paleártico, a águia-calçada é uma espécie nidificante estival que se distribui por duas “regiões”, uma a Oeste e que compreende a França, Península Ibérica e noroeste de África, e outra a Leste que se estende desde a Grécia e os Balcãs até ao lago Baikal, e ainda a norte do subcontinente indiano, passando pelo Cáucaso e Ásia Menor (del Hoyo *et al.* 1994). A quase totalidade das suas populações são migradoras, deslocando-se no Inverno para o subcontinente indiano e para a África Tropical, numa faixa que vai desde o Senegal ao Sudão e Etiópia e que se prolonga depois até à África do Sul (del Hoyo *et al.* 1994, Hagemeyer & Blair 1997). A espécie é sedentária nas ilhas Baleares (Muntaner 1981), no norte da Índia e, ainda, na África do Sul e Namíbia (Brooke *et al.* 1980, Brown 1985, del Hoyo *et al.* 1994, Cramp 1998).

Em Portugal está ausente em grande parte das regiões Centro e Norte do país e no Algarve. Ocorre regularmente em Trás-os-Montes, Beiras interiores e no Alentejo, apresentando uma distribuição contínua nos distritos de Évora, Portalegre, Setúbal, Santarém, Castelo-Branco e Guarda (Palma *et al.* 1999a, ICN dados não publicados).

População

Palma *et al.* (1999a) estimaram a população portuguesa em 250-350 casais, considerando-a estável. A sul do Tejo, no Alto Alentejo, onde predominam os montados de sobre *Quercus suber* densos, a espécie atinge as suas mais elevadas densidades – 19-25

Hieraaetus pennatus (Gmelin, 1788)



Águia-calçada



casais/100 km² (Onofre *et al.* 1999) ou 8-10 casais em 35 km² (*grosso modo* 23-28 casais/100 km²) (Miravent 2001).

Em termos de estatuto de ameaça a nível da Europa, a espécie é considerada *Rara*, provisoriamente (BirdLife International 2004). Em Espanha a águia-calçada é classificada como *Pouco Preocupante (LC)* (Madroño *et al.* 2004), possuindo populações abundantes, estáveis ou mesmo em expansão nalgumas regiões (Muñoz & Blas 2003).

Habitat

É uma espécie tipicamente florestal, com nidificação arborícola. Em Portugal, o seu habitat por excelência é o montado de sobre denso ou relativamente denso, associado ou não a pinheiros *Pinus* spp. dispersos ou em manchas (Onofre *et al.* 1986a). Ocorre também em montados de azinho *Q. rotundifolia* relativamente densos, de preferência também com pinheiros ou sobreiros à mistura, e ainda em áreas com mais elevada preponderância de pinhais mansos *P. pinea* ou bravos *P. pinaster*. A norte do Tejo, nas regiões serranas e planálticas do Leste, utiliza principalmente os pinhais bravos para nidificar, embora esporadicamente possa recorrer a matas ripícolas. Caça perfeitamente dentro dos próprios montados ou dos pinhais mansos mais abertos, mas faz uso também dos terrenos agrícolas, pastagens e matos, os quais, nas zonas serranas são o habitat praticamente exclusivo de caça (Onofre N dados não publicados).



Hieraaetus pennatus (Gmelin, 1788)

Águia-calçada

Factores de Ameaça

De entre as ameaças a esta espécie contam-se as alterações de habitat, provocadas pelos incêndios no Centro e Norte do país, que destroem o seu biótopo de nidificação e tendem a favorecer a fragmentação das populações.

No Sul, as ameaças resultantes da alteração ou perturbação do habitat não assumirão gravidade comparável, mas interferem sem dúvida na desestabilização (abandono ou deslocação de territórios), e na produtividade de alguns casais. De entre os factores conhecidos mais importantes no Sul, contam-se (Onofre N dados não publicados): o corte de pinheiros de grandes dimensões, pelos quais a espécie mostra preferência para construir o ninho; as podas, principalmente as pesadas arreas, que frequentemente se efectuam em grandes extensões de montado; a arborização com eucalipto de terrenos abertos (vales e outras terras de agricultura marginal, matos); as acções de adensamento excessivo de montados, que limitam o habitat de caça potencial; a pilhagem de ninhos durante as tiragens de cortiça ou apanha de pinhas, que localmente poderão afectar a produtividade das populações; a perseguição através do abate directo a tiro (*e.g.* por caçadores isolados ou por guardas de caça em zonas de regime cinegético especial).

Outras causas de mortalidade ou de diminuição da produtividade por vezes assinaladas (*cf.* Muñoz & Blas 2003) são a colisão ou electrocussão em linhas de média tensão e a acumulação de metais pesados, pesticidas organoclorados ou organofosforados, entre outros. Contudo, nas populações estudadas do Alto Alentejo (*cf.* Onofre *et al.* 1999), não foi observada uma incidência significativa destes factores (Onofre N dados não publicados).

A nível nacional desconhece-se a gravidade resultante da morbilidade ou mortalidade de juvenis devido a Tricomoníase ou Candidíase, uma vez que é uma espécie que captura pombo doméstico. No entanto, nas populações do Alto Alentejo já mencionadas, a incidência destas doenças não é significativa, apesar de as suas dietas incluírem percentagens significativas de pombo (principalmente pombo-correio) (Onofre N dados não publicados).

Medidas de Conservação

As medidas de conservação para esta espécie prendem-se com a conservação do habitat, que no caso do montado de sobre parece garantido no médio-longo prazo. Contudo, quer para esta quer para as restantes aves de rapina que nele habitam, impõe-se que

sejam seguidas algumas regras de conservação de habitat, nomeadamente: i) gestão correcta das podas (tanto na intensidade como na extensão e ordenamento no espaço); ii) condicionamento das plantações florestais de elevada densidade, *e.g.* de eucalipto ou pinheiro, nas clareiras existentes no seio de áreas de montado ou a ele adjacentes (incluindo em particular os vales e linhas de água); iii) recomendação de limites máximos de densidade de plantação nas acções de beneficiação ou arborização de montados, com sobreiro, azinheira ou pinheiro.

Esta espécie beneficiaria ainda do incentivo e generalização do recurso às Medidas Agro-Ambientais para apoio à manutenção e recuperação de sistemas de agricultura e ovinicultura tradicionais e também do reordenamento da floresta portuguesa de modo a promover espaços florestais diversificados, tanto ao nível dos cobertos arbóreos como de outros, e a prevenir a ocorrência dos grandes incêndios florestais. Adicionalmente, com vista à conservação do habitat das aves de rapina florestais e de outros valores naturais, deviam ser incluídas medidas específicas nos manuais de boas práticas florestais.

A sua conservação requer ainda o desenvolvimento de campanhas de sensibilização para a conservação das aves de rapina e do seu habitat, junto a proprietários rurais, agricultores, pastores, caçadores, guardas e gestores de caça e público em geral e o reforço da vigilância e aplicação da lei mais efectivas relativamente às infracções e crimes contra a natureza e as aves de rapina em particular.

Importa realizar estudos de biologia e ecologia de populações de outras regiões do país e, à semelhança das restantes espécies de rapinas florestais, deverão ser realizados censos ou programas de monitorização.

Notas

A águia-calçada é também uma migradora de passagem em Portugal, sendo notórios tais movimentos na zona de Sagres em particular, durante o Outono, onde representa entre 30 a 40% do total de aves planadoras que por ali passa (Tomé *et al.* 1998).

Durante o Inverno verifica-se a ocorrência regular de um número reduzido de águias-calçadas no nosso país, sobretudo junto à faixa litoral, suspeitando-se de uma presença permanente nalguns locais ou mesmo de uma pequena população invernante (Rufino 1989, Costa 1994 e 1998c).